

Esquerdas também já começam rachadas

Desunião no pleito municipal terá reflexos na campanha para a Presidência, em 2002

Marco Antônio Teixeira/18-8-2000

Ilmar Franco

● **BRASÍLIA.** A disputa municipal está provocando uma divisão profunda na esquerda brasileira. Há desunião em municípios emblemáticos, como o Rio de Janeiro. O lançamento de candidaturas próprias pelo PT, o PDT e o PSB em muitas capitais já não pode mais ser explicado pelo pragmatismo eleitoral. Os partidos de esquerda vão crescer em número de prefeituras, mas têm planos diferentes para as eleições presidenciais de 2002. O PDT decidiu que terá candidatura própria e o PT já trabalha com a hipótese de que lhe restará somente o PCdoB como aliado.

— O que dá visibilidade ao partido são seus candidatos. Não ter candidato próprio para presidente enfraquece o partido. Em 1994, quando Brizola foi candidato, elegemos 35 deputados. Em 1998, quando apoiamos o Lula, elegemos 25 — diz o líder do PDT, deputado Miro Teixeira (RJ).

Pedetistas demonstram ressentimento

Os trabalhistas estão amargamente ressentidos pelo isolamento em que foi colocada a candidatura de Leonel Brizola. O partido esperava o apoio do PCdoB, que optou pela candidatura de Benedita da Silva (PT), e do PSB, que lançou candidato próprio, o deputado Alexandre Cardoso. Para os brizolistas, comunistas e socialistas tomaram esta decisão para garantir participação no Governo Garotinho. Os problemas internos no Rio e o fracasso no Rio Grande do Sul fizeram o PDT concluir que, para crescer, não poderá mais apoiar o nome que o PT lançou à Presidência da República. E mais: o PDT é o mais novo aliado dos grandes partidos na reforma política.

— O PDT decidiu que vai apoiar o fim das coligações proporcionais e o instituto da cláusula de barreira. Temos de reconhecer que na esquerda também existem partidos parasitários e legendas de aluguel



LULA, possível candidato do PT pela quarta vez, não deverá ter apoio do PDT

— critica Miro Teixeira.

O clima também é de ressentimento no PT, em relação ao PSB. A direção petista considera que o PSB se descaracterizou com as alianças eleitorais que fez no Nordeste. Os petistas não engolem as alianças do PSB com o presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela, em Maceió (AL); com o ex-governador João Alves (PFL) em Aracaju (SE), e com o governador Garibaldi Alves (PMDB) em Natal (RN). Em todas elas o PT lançou candidatos próprios e, em Natal e Aracaju, é o principal adversário dos socialistas. Aliado mesmo, só o PCdoB, que fez coligação com o PT em 22 capitais.

— O PSB e o PDT não vão se aliar conosco em 2002. O mais provável é que eles prefiram uma candidatura que tenha o perfil do governador Itamar Franco (MG) — diz o presidente do PT, deputado José Dirceu (SP).

Os partidos de esquerda e o PPS devem crescer nas eleições de outubro, mas dificilmente esses partidos vão ultrapassar a marca dos mil municípios. O PPS, que tem apenas 36 prefeituras, inchado pela candidatura presidencial de Ciro Gomes, deve atingir a meta de eleger 180 prefeitos. Apenas um deles deverá ser eleito numa capital: Raul Filho, em Palmas (TO). ■